

## O ENCONTRO COM O OUTRO NA ADICÇÃO SEXUAL

VALTER ANDRÉ MACHADO MINHO JUNIOR<sup>1</sup>; JOÃO GUSTAVO TURMINA<sup>2</sup>;  
CAMILA PEIXOTO FREITAS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [valtermachado.contato@gmail.com](mailto:valtermachado.contato@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [joaogturmina@gmail.com](mailto:joaogturmina@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pfcamila@hotmail.com](mailto:pfcamila@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A constituição psíquica é alicerçada pelas relações intersubjetivas, pelos encontros e pelas diferentes formas do sujeito interagir tanto com o mundo externo, quanto com seu mundo interno. Dessa forma, o encontro com o outro, entre o sujeito e as pessoas com as quais convive, é um elemento importante em sua constituição e em seu desenvolvimento. BRENNER (1975) destaca que Freud foi o primeiro a esclarecer a importância da relação com as outras pessoas para o desenvolvimento psíquico dos sujeitos. Dessa forma, a Psicanálise se constituiu com foco nas implicações das relações Eu-Outro.

Há formas de relação com o outro, ou relações objetais, que podem provocar intenso sofrimento, tanto para o próprio sujeito, quanto para as pessoas com quem ele se relaciona. As adicções representam exemplos dessas formas de relação, sobretudo, porque se caracterizam como um estado de escravidão do sujeito. Esse estado parece representar a fixação a um objeto, segundo GURFINKEL (2014), como modo de "negar um aspecto da realidade que é intolerável [...] e assim buscar contornar todas as implicações psíquicas que lhe são correlatas" (p. 17).

GURFINKEL (2014) explica que o conceito geral de adicção, no campo psicanalítico, refere-se ao uso compulsivo de um determinado objeto e relaciona-se a ações de caráter impulsivo e irrefreável. Nesse sentido, a adicção é caracterizada pelo que se faz com o objeto, e não pela natureza do objeto.

FREUD (1905/2006) destaca-se, sobretudo, por ampliar o que se entende por sexualidade, inovando ao distanciar a interpretação da lógica biológica e reprodutiva. Também inovou ao falar sobre a sexualidade infantil, que, segundo ele, é perverso-polimorfa. As duas características são essenciais para a compreensão do desenvolvimento psíquico normal ou patológico.

Há nos adictos afetos catastróficos ameaçadores da integridade psíquica, o que pode resultar na impossibilidade de experimentar o prazer no encontro com o outro (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2013). Em trabalho posterior, PADILHA NETTO; CARDOSO (2016) salientam que o *sex-addict* percebe-se impotente para conciliar sexualidade e afetividade, portanto, impotente para amar.

O objetivo geral do presente estudo é apontar os conhecimentos produzidos no campo psicanalítico a respeito das práticas sexuais adictivas, a partir da perspectiva Freudiana e Laplancheana e de seus sucessores. Como objetivos específicos, intenta-se descrever a dinâmica psíquica subjacente ao modo de relação estabelecido com o objeto externo e analisar as consequências intrapsíquicas, como modo singular de relação com o objeto interno. Trata-se de

pensar que na base do modo singular de relação com o outro externo, que é próprio da adicção sexual, encontra-se um modo singular de relação com o outro interno.

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo tem abordagem qualitativa, natureza básica, com caráter exploratório por procedimentos de pesquisa bibliográfica. A pesquisa foi iniciada em grupo de estudos de Psicanálise, em que as leituras sobre o tema despertaram o interesse dos pesquisadores e da orientadora. Buscaram-se textos baseados na Psicanálise Freudiana, de autores e autoras psicanalistas que dialoguem com essa perspectiva teórica, tais como: Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis, Ney Klier Padilha Netto, Marta Rezende Cardoso, Décio Gurfinkel, Joyce McDougall e outras (os).

Com essa fundamentação teórica, buscou-se investigar as práticas sexuais adictivas, com a descrição da dinâmica psíquica subjacente ao modo de relação estabelecido com o objeto externo e analisar as consequências intrapsíquicas, como modo singular de relação com o objeto interno.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para essa análise, é necessário compreender um dos conceitos basilares da Psicanálise, a pulsão. FREUD (1905/2006), no texto “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, traz o seguinte conceito: “Por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora” (p. 103). As pulsões são, portanto, uma exigência de trabalho feita ao psiquismo, que se distinguem em razão de suas fontes somáticas e de seus alvos. Uma das características da pulsão é seu direcionamento a um objeto de descarga.

O objeto da pulsão é o meio pelo qual ela pode atingir seu alvo. Nesse sentido, é a característica mais variável da pulsão. Afinal, “A pulsão pede um objeto, o que ela não implica é um objeto específico” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 92). O que o autor infere é que existe uma necessidade pela vinculação a um objeto para que a pulsão possa atingir, mesmo que parcialmente, seu alvo. No entanto, não há uma especificidade por esse objeto. Vale ainda destacar o que LAPLANCHE (1985) ressalva em relação ao objeto pulsional. Segundo ele, o termo objeto, em psicanálise, em nada se relaciona com seu sentido na teoria do conhecimento, como objeto “objetivo”. O autor destaca que:

Na medida em que o objeto é aquilo “no qual” o alvo encontra sua realização, pouco importa, finalmente, a especificidade, a individualidade do objeto; basta que ele contenha traços que permitam à ação gratificante desencadear-se: quanto ao objeto em si mesmo, ele permanece relativamente indiferente, contingente. (LAPLANCHE, 1985, p. 20).

O ponto essencial na definição de práticas sexuais como adicções e, portanto, como patologia é, precisamente, o modo como se estabelece a relação com o outro. (GURFINKEL, 2014). Dessa forma, analisa-se o modo como o sujeito se relaciona com o outro interno/externo na adicção sexual. Percebe-se, então, que a adicção é uma forma de escravidão, em que o sujeito perde sua liberdade de escolha e sua capacidade de ponderar sobre a utilização do objeto. Essa suspensão da liberdade e

da ponderação induz uma inversão da relação sujeito-objeto: “aquele que era o sujeito que, no exercício de sua liberdade, escolhia usar o objeto segundo sua vontade e a serviço de seu desejo, se torna ele mesmo objeto de seu objeto, que ganha, por sua vez, o estatuto de dono e senhor da situação” (GURFINKEL, 2014, p. 51).

O sujeito busca o outro para descarregar suas pulsões, em uma lógica repetitiva e que tende à morte psíquica. Essa lógica mortífera aparece, principalmente, na busca por parceiros (as) que mantenham certo distanciamento afetivo, já que os afetos são ameaçadores. O sofrimento instaura-se na sutileza de ambos os limiares: tanto se busca mais prazer com o extravasamento incessantemente, quanto se busca mais distanciamento, porque a aproximação afetiva do outro é ameaçadora (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2013).

Outro aspecto importante das adições sexuais implicado na relação objetal é a precariedade nas produções fantasísticas. Essas produções estão relacionadas a um investimento psíquico capaz de estabelecer a presença do objeto mesmo em sua ausência. Trata-se de uma realização alucinatória do desejo, que pode atenuar a intensidade pulsional, tanto afetivas, quanto sexuais. A ausência, ou redução abrupta, da fantasia dificulta as relações do Eu com seu mundo, já que a sexualidade passa a atuar brutalmente, sem que existam outras formas para eliminação desse excesso pulsional, aparentemente, que não o próprio objeto. (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2013).

PADILHA NETTO; CARDOSO (2016) salientam que o adicto sexual percebe-se impotente para conciliar sexualidade e afetividade, portanto, impotente para amar. Nesse trabalho, os autores partem de uma caracterização dos pacientes adictivos, em cujos casos, o sexual se apresenta explicitamente, com descrições minuciosas, sob detalhes que fogem de elaborações metafóricas, o que contrasta com o fato de que o erotismo, propriamente dito, não é apresentado. O ato é superior, mais marcante e relatado com todos os destaques; a fantasia, por sua vez, inexistente. (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2016). A fantasia amplia os recursos para olhar para a vida, porque está relacionada com a plasticidade psíquica, mas não ocorre na adição sexual.

O impasse intrapsíquico ocorre entre o desejo e a exigência. O desejo baseia-se na falta, na espera, em não ter contato com o objeto. A partir do desejo, origina-se a fantasia relacionada à presença do objeto. Já a exigência atua como escravizadora do sujeito, que perde totalmente a possibilidade de escolha. Essa exigência excessiva induz o sujeito à busca de objetos sexuais sobre os quais há pouco ou nenhum investimento, o que desencadeia pouca ou nenhuma produção fantasística. “A compulsão sexual pressupõe um parceiro sem rosto, sem história e sem existência subjetiva própria. É como se o outro existisse apenas em sua corporeidade” (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2016, p. 158).

Esse afastamento subjetivo em relação ao outro pode denotar a impotência do adicto para o amor. A vinculação com o outro pode representar uma abertura ao seu próprio mundo interno, o que soa ameaçador para o sujeito adicto. Nesse sentido, a abertura afetiva mostra-se, claramente, mais ameaçadora do que a abertura sexual, já que as relações sexuais estão atreladas, na percepção adictiva, a uma mera descarga pulsional. (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2016).

A exclusão das representações fantásticas das vivências sexuais apresenta uma regressão do pensamento, do planejamento e das elaborações ao ato, desenfreado e compulsivo. As excitações pulsionais produzem, automaticamente, o

ato. “É como se houvesse a transformação de um afeto indefinível e transbordante em excitação sexual, evitando compulsivamente o acúmulo de tensão” (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2013, p. 391). Nesse funcionamento, estão instauradas as questões mais insalubres da adicção sexual. Afinal, a irrefreável passagem ao ato pode expor o sujeito, sem precaução, aos riscos de relações sexuais sem proteção. (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2013).

#### 4. CONCLUSÕES

A demonstração das concepções teóricas básicas da Psicanálise a respeito da adicção sexual demonstradas neste trabalho salientam a necessidade de pensar que na base desse modo singular de relação com o outro externo que é próprio da adicção sexual, encontra-se um modo singular de relação com o outro interno. A escuta, a compreensão e as intervenções nesses processos visa produzir conforto aos pacientes que trazem tal demanda. Os objetivos foram atingidos, foram discutidos conhecimentos produzidos no campo psicanalítico sobre o tema e suas implicações para a descrição da dinâmica psíquica subjacente ao modo de relação estabelecido com o objeto externo e o modo singular de relação com o objeto interno em paciente adictos.

Concluiu-se que a solução paliativa encontrada pela vida psíquica do sujeito adicto é uma cisão entre os investimentos afetivos, relacionados à ternura, e as vivências sexuais, atreladas à sensualidade. A convergência da ternura e da sensualidade torna-se insuportável. Há, como resultado dessa cisão, a depreciação do objeto sexual, como função protetora na manutenção da sensualidade afastada dos objetos afetivos. O gozo passa, portanto, a implicar extremo sofrimento subjetivo. Dessa forma, a relação objetual, marcada pela manutenção da sexualidade fragmentada, fica prejudicada e o sujeito torna-se escravo desse processo de exigência compulsiva ao ato como descarga.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRENNER, C.. **Noções básicas de Psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica**. (Tradução: Ana Mazur Sipra). 3ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FREUD, S. Três Ensaio sobre a TEoria da Sexualidade. In: **Um caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira, volume VII. São Paulo: Imago, 2006. p. 119-231. Original publicado em 1905.
- GARCIA-ROZA, L. A. (1995). Pulsão. In. Garcia-Roza, L.A. **Introdução a metapsicologia Freudiana**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., p. 79-117.
- GURFINKEL, D. **Adicções** (col. clínica psicanalítica). 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- LAPLANCHE, J. **Vida e morte em Psicanálise**. (tradutoras: Cleonice Paes Barreto Mourão & Consuelo Fortes Santiago). Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- PADILHA NETTO, N. K.; CARDOSO, M. R. O colapso de Eros nas adicções sexuais. **Tempo Psicanalítico**. V. 45, n. 1, p. 383-400, 2013.
- \_\_\_\_\_. A ameaça do encontro com o outro na adicção sexual: uma reflexão psicanalítica. **Psic. Clin.** V. 28, n. 3, p. 153-170, 2016.